

ÂNGELA MARIA PEREIRA ESCORPELI

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA COMO PRÁTICA SOCIAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca do Curso de Especialização em Educação do Campo da Universidade Federal do Paraná. Como requisito parcial para obtenção do grau de especialista.

Profª Orientadora: **Elsi do Rocio Cardoso Alano**

MATINHOS

2011

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA COMO PRÁTICA SOCIAL

Angela Maria Pereira Escorpeli¹

Elsi do Rocio Cardoso Alano²

RESUMO

A leitura não se resume à decodificação, mas deve garantir ao indivíduo um espaço na sociedade para a interação sistemática com a informação veiculada cotidianamente, contribuir para a formação de cidadãos críticos na construção e reconstrução de novos conhecimentos, fazer com que o indivíduo perceba-se como ser histórico social. Neste sentido vimos à necessidade de discutir a importância da família e da escola no processo da leitura como prática social no Programa Projovem Campo – Saberes da Terra. Dessa forma o trabalho foi desenvolvido com a finalidade de apontar metodologias e estratégias para despertar o gosto pela leitura e permitir que eles compreendessem a importância da mesma na garantia dos direitos e deveres enquanto cidadão. Num processo de descobrimento, criação e recriação de novos conhecimentos, oportunizando que esse ocorra através da interação com meio, enfatizando os caminhos e reflexões sobre o despertar do gosto pela leitura.

Palavras-chave: Leitura. Leitor competente. Cidadania.

“A leitura induz à loucura, desloca o homem do humilde lugar que lhe fora destinado no corpo social”.

Guiomar de Gramommon

¹ Letras – Português/Inglês; Educanda do Curso de Especialização em Educação do Campo, Programa Saberes da Terra, Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral (UFPR Litoral) e; Educadora no Colégio Estadual de Iporã - EFMP E-mail: angelaescorpeli@hotmail.com: tal.

² Professora da Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral; Educadora Orientadora do Curso de Especialização em Educação do Campo, Programa Saberes da Terra. E-mail: elsi@ufpr.br.

INTRODUÇÃO

O presente artigo aborda questões relativas ao ensino e ao aprendizado da leitura em sala de aula com alunos do Programa Projovem – Saberes da Terra – Ensino fundamental II, considerando que a leitura na escola tem sido um assunto muito discutido, onde o objetivo maior é o esforço para formar cidadãos capazes de compreender os diferentes sentidos dos textos com os quais se defrontam no cotidiano. Para que esse objetivo seja alcançado é necessário que a escola ofereça um ensino de qualidade e práticas de leitura eficazes.

Só é possível se pensar na leitura como prática social, se os educadores se conscientizarem de que o fundamental, o objetivo primeiro da ação educativa, é a transformação da relação cidadão-sociedade, já que é nesta que os programas educacionais se circunscrevem.

Assim, ao discutirmos a leitura como prática social, é na vida dos homens que é necessário se situar, pois se entende como prática social a interação do homem com a história, que transforma suas condições objetivas.

Faz-se necessário compreender que ler não é simplesmente decodificar letras em sons, grafias, mas descobrir um universo novo de conhecimentos até então desconhecido. Ler significa aprender um novo conceito de vida, de interação com o meio, com os cidadãos e com suas demais formas de vida.

A escola, muitas vezes, não oportuniza as condições necessárias para que a leitura realmente aconteça. Para se realizar uma nova abordagem de leitura no ambiente escolar, é imprescindível romper com a leitura apenas dos livros didáticos que, em sua maioria, apresentam atividades de leitura pautadas na visão tradicionalista, com restrita variação de gêneros textuais. Silva (2003) afirma que não existe leitor de um texto só, nem de um único gênero, pois as informações escritas ocorrem de diferentes formas na sociedade. Refere-se também ao papel do professor, afirmando que o educador precisa compartilhar com os alunos vivências e argumentos convincentes sobre o valor da leitura na sociedade, as motivações ou

necessidades, os interesses que estão em jogo na formação de leitores e, sobretudo, os elementos que compõem os diferentes tipos de práticas de leitura. O autor afirma ainda que, caso o professor não seja capaz de fazer uma leitura crítica das contradições geradoras da pobreza, miséria, injustiça, violência social etc., estará deixando de lado importantes dimensões que fazem a ponte entre o ensino e a vida, escola e cidadania, reflexões necessárias para que a leitura crítica venha a acontecer.

Necessitamos de operacionalizar o ato de leitura projetado dentro de um trabalho que vise à construção de uma memória textual para que no futuro o leitor não veja seu projeto de vida desarticulado por conta de não ter possibilidade de estabelecer uma associação entre os textos e possuir uma subjetividade lingüística que o leve a apreciar os textos de forma a visualizar uma interação entre a vida exterior e interior. (BATISTA, 1998, p.21).

A leitura, por ser uma prática na qual se faz hipóteses de sentido que partem de indícios discursivos verificáveis no texto, é uma atividade que exige formação continuada, e não é gerada por meio de um trabalho eventual. De acordo com Gonçalves (2004), é indispensável que a escola ofereça uma multiplicidade de materiais de leitura.

Ler em quantidade e qualidade é fundamental para qualquer pessoa. Deve ser objetivo de todo professor, e direito de todo aluno, de qualquer escola, pública ou particular, pois a leitura instaura um diálogo, que além de ser prazeroso, é libertador. E o diálogo é a melhor solução para qualquer questão.

Instaurar esse processo libertador e transformador que a leitura possibilita, criando leitores críticos, como se apregoa nos planejamentos escolares, depende de vários fatores, entre eles o econômico.

Dessa forma, leitura é prazer, e por ser prazer, pode ser renovada a cada aula, a cada dia. Por isso, não pensar em leitura como hábito, pois hábito insinua repetição frequente de um ato, mas pensar a leitura como objeto que leva ao gozo, à

fruição. Daí advém à vontade de a ela sempre retornar, já que é do deleite que nasce o desejo.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O ato de ler ultrapassou a fronteira de ação individual e ganhou um significado mais amplo. Dizemos que a leitura é primordial, mesmo que tenhamos razões diferentes para dizê-lo.

Prega-se a leitura para a transformação social, a consciência redentora, o desenvolvimento da nação, o avanço, o futuro.

A escola pública é administrada por políticas que visam ao desenvolvimento, mas é habitada por alunos que necessitam agir criticamente e com consciência.

Cabe ao professor propor um trabalho de leitura aos seus alunos que possa abrir todos os caminhos possíveis.

Como afirma Bezerra (2002), qualquer contexto social ou cultural que envolva a leitura e/ou a escrita é um contexto de letramento. O que significa dizer que haverá aí uma variedade de gêneros textuais, culturalmente determinados e usados em situações comunicativas reais.

Paulo Freire e Ezequiel Theodoro da Silva defendem um trabalho com a leitura no qual a experiência de vida do leitor seja valorizada. Nessa concepção, procura-se formar um leitor competente não somente no conhecimento dos conteúdos curriculares, mas e, sobretudo, um leitor inserido efetivamente em seu meio social, político e ideológico. Freire enfatiza que:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE, 1983)

Silva (1988), também reconhece que a leitura oportuniza a participação do ser humano na vida em sociedade. Para esse autor, a leitura deve ser um meio de transformação e reflexão para romper o espaço da escola e combater a alienação dos grupos sociais.

Para Maria Helena Martins “aprender a ler significa também aprender a ler o mundo, dar sentido a ele e a nós próprios, o que, mal ou bem, fazemos mesmo sem ser ensinados” (1984, p.34). Portanto, para a autora, a função do educador não é necessariamente a de ensinar a ler, mas a de criar condições para o educando construir a sua própria aprendizagem, de acordo com seus interesses, necessidades, fantasias, segundo as dúvidas e exigências da realidade onde vive.

Se o objetivo do professor for formar cidadãos com competência leitora, é preciso organizar o trabalho de ensino-aprendizagem da leitura para que adquiram essa competência na escola. Para isso, as atividades de leitura devem ser preparadas de maneira que oportunize reflexão e discussão, com os textos que circulam na sociedade: textos literários, científicos, jurídicos, artísticos, jornalísticos, publicitários, humorísticos e também didáticos. Solé (1988), afirma que um leitor competente é alguém que:

compreende o que lê; que consegue ler entrelinhas, identifica elementos implícitos; estabelece relações entre o texto e seus conhecimentos prévios sobre o assunto; que sabe que um texto pode ter vários sentidos. Um leitor competente é alguém que consegue selecionar os textos e trechos necessários para suprir sua necessidade; consegue escolher e aplicar as estratégias de leitura que melhor favoreça a compreensão do texto, por fim, um leitor é competente quando utiliza em sua vida pessoal ou comunitária, o sentido que conseguiu construir em suas leituras.

Ao atribuir sentido ao texto, o leitor transforma-o em algo novo. Quando relemos um texto ele já não é mais o mesmo, porque nós também não somos. Não se trata, pois, de liberdade sem limites, mas, ao contrário, os limites

estão nos significados trazidos pelo texto. Os limites estão em seu mundo textual, que o leitor real, que é o aluno, precisa respeitar para poder entrar no jogo.

Se deseja falar em processo de interação da leitura, eis aí um primeiro fundamento para o jogo interacional: a relação básica que instaura o processo de leitura é o do jogo existente entre o leitor virtual e o leitor real. É uma relação de confronto. O que, já em si, é uma crítica aos que fala em interação do leitor com o texto. O leitor não interage com o texto (relação sujeito/objeto), mas com outro(s) sujeito(s) (leitor virtual, autor etc.). A relação, como diria Schaff (em sua crítica ao fetichismo sógnico, 1966), sempre se dá entre homens, são relações sociais; eu acrescentaria, históricas, ainda que (ou porque) mediadas por objetos (como o texto). Ficar na “objetividade” do texto, no entanto, é fixar-se na mediação, absolutizando-a, perdendo a historicidade dele, logo, sua significância (ORLANDI, 2006, p.9).

Segundo Barthes (1977), o leitor pode ser comparado a uma aranha: à medida que tece sua teia, segrega a substância com a qual a fabrica, ou seja, ele projeta sobre o texto todo seu conhecimento de mundo. Assim, vê a leitura como construção de subjetividades, na qual envolve preferências, escolhas e direitos.

O leitor é que dá sentido ao texto; pois, a partir das suas experiências de vida, da sua visão de mundo, ele completa os vazios deixados pelo autor. Então com a finalidade de preencher as lacunas deixadas no âmbito da leitura é que foi proposto o presente trabalho.

Quanto a essa questão afirmam as Diretrizes Curriculares Estaduais,

Compreende-se a leitura como um ato dialógico, interlocutivo, que envolve demandas sociais, históricas, políticas, econômicas, pedagógicas e ideológicas de determinado momento. Ao ler, o indivíduo busca as suas experiências, os seus conhecimentos prévios, a sua formação familiar, religiosa, cultural, enfim as várias vozes que o constituem. (SEED, 2008, p. 56).

Neste sentido, propõe-se então, uma metodologia na qual se leve em conta que ensinar é procurar alcançar conscientemente fins intencionais relacionados aos conteúdos e à educação mais ampla, adotando-se certas atitudes e organizando meios e situações para atender as tomadas de decisões.

É importante destacar que o conhecimento de toda humanidade encontra-se arquivado sob a forma de linguagem e que para desvendá-lo é preciso ser leitor proficiente. Por essa razão os professores devem realizar atividades de leitura em suas aulas no intuito de que os alunos tenham mais facilidade para compreender o seu cotidiano.

Segundo Rubem Alves (2002, p. 45),

Ensinar é uma tarefa mágica, capaz de mudar a cabeça de pessoas, bem diferente de dar aulas”. Mas é possível ensinar leitura? Não apenas dar aulas sobre a decodificação das palavras - “ensinar a ler” - como se costuma dizer, empregando mal a palavra ensino, porque na verdade este não é um ato que prenuncia a mudança, como deveria ser.

O discurso concebido como prática social constitui-se de relações dialógicas a serviço dos interesses do educando com atividades que ajudem na tomada de consciência quanto à formação de um cidadão crítico, participativo nas tomadas de decisões que podem mudar os rumos de sua vida e da sociedade na qual esteja inserido.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

O objetivo do trabalho realizado em sala de aula do Programa Projovem Campo – Saberes da Terra – Ensino fundamental II no Colégio Estadual de Iporã - EFMP foi o de formar um leitor competente e crítico, alguém capaz de compreender o que lê e também o que não está escrito, associando o texto que se lê a outros já

lidos, que perceba que a um único texto podem ser atribuídos vários significados, que consiga justificar e validar a sua leitura a partir da localização de elementos discursivos.

Para a realização desse trabalho foram aplicadas às estratégias de compreensão leitora para antes, durante e depois da leitura, proposta por Solé (1988). Para a etapa antes da leitura foi solicitado o conhecimento prévio do educando através do título e do tema do texto. Na etapa durante foi feita à leitura para confirmar ou recusar as antecipações que surgiram antes da leitura e por meio de discussão coletiva, identificar a ideia principal e o tema, e também a informações implícitas no texto, com base em outras leituras, experiências de vida, crenças e valores. Por meio de inferência ou do dicionário foi possível entender as palavras desconhecidas. Depois da leitura o aluno foi capaz de elaborar produções escritas, dar opiniões e fazer uma avaliação crítica sobre o que leu, e também de indicar outros textos que fazem inferência ao tema.

A atividade foi iniciada com uma conversa informal, na qual cada um falava de sua história de vida, um educando relatou *“que não tinha história para contar”*, mas à medida que os colegas foram falando ele também começou a fazer comentários sobre sua vida e de sua família, foram lembrados também alguns causos contados pelos pais ou avós e historinhas que ouviram quando criança. Então os alunos responderam a um questionário para a verificação de preferências e hábitos de leitura, e suas perspectivas de futuro. Analisando as respostas que deram, nota-se que todos reconheceram a importância da leitura, mas poucos tinham o hábito de ler.

Após a reflexão sobre os dados coletados, foram desenvolvidas as seguintes questões: Qual vai ser o assunto deste texto? Vocês sabem o que é um Conto de Fadas e uma Fábula? Esses questionamentos foram realizados na oralidade com o objetivo de fazer com que o aluno compreendesse como ler as entrelinhas do texto. Então os alunos leram o texto Joãozinho e o pé de feijão, no início alguns educandos reclamaram que era historinha de criança, mas durante a discussão

sobre os temas presentes no texto perceberam que não era uma simples história infantil, um aluno disse *“isso não é papo de criança coisa nenhuma, é conversa de gente grande”*. Os educandos também fizeram uma pesquisa sobre o gênero textual Conto de Fadas e o gênero textual Fábula. A pesquisa foi realizada no laboratório de informática do colégio. Em seguida os educandos, em grupo reescreveram o conto de fadas, Joãozinho e o pé de feijão, em uma nova versão ética segundo a visão dos alunos.



Discussão e produção da versão ética da fábula João e o pé de feijão
Autor: Valdemir Escorpeli(2011)

A seguir ouviram e cantaram as músicas Asa Branca (Luiz Gonzaga) e Vida Boa (Victor e Leo) foi realizada uma discussão sobre os temas abordados nas músicas, sobre a cultura e a época em que as músicas foram compostas. Em seguida a turma em grupo produziu uma paródia que foi ensaiada e apresentada para os alunos da EJA. Segue abaixo trechos das paródias produzidas pelos educandos e revisadas pela professora:

Vida boa

Moro num lugar

Numa casinha num bairro pobretão

Estudo no Projovem que é bom

Pro povão, Pro povão(...)

Asa branca

Quando olhei lá no sertão

As crianças, sem sandálias

De pé no chão(...)

A professora declamou o poema O Bicho, de Manuel Bandeira, e foi proposta aos alunos uma interpretação de texto, para que eles pudessem relacionar o conteúdo da leitura com a vida cotidiana de cada um, então em duplas eles escreveram um poema com o tema cidadania. Um aluno decorou o poema e declamou no Seminário de Educação no Campo um desafio realizado no município de Iporã, promovido pelos educadores do Projovem Campo - Saberes da Terra desse município.

Em seguida foi trabalhado o conto de Dalton Trevisan, Uma vela para Dário, discutiu-se os temas presentes no mesmo e os educandos produziram uma versão mais humana para o conto.

Nesse período também aconteceu no Colégio a Feira Empreendedora realizada pelos alunos do curso Técnico em Administração e os educandos do Projovem Campo – Saberes da Terra foram visitá-la. Ao retornar à sala de aula oportunizou uma discussão sobre o que eles haviam lido na Feira, então uma educanda disse *“eu não li nada, só vi os trabalhos e ouvi as explicações dos alunos!”*, conseqüentemente a discussão começou desse comentário, o debate foi muito bom, pois todos deram sua opinião. Em duplas eles fizeram um relatório sobre o evento.



Autor: Valdemir Escorpeli(junho/2011)
Visita à Feira Empreendedora

Os educandos assistiram na TV pendrive um comentário sobre a Declaração Universal dos Direitos Humano. A seguir foi realizada uma leitura coletiva com a turma, na qual cada aluno lia um artigo da Declaração o qual era discutido por todos verificando quais estavam sendo cumpridos totalmente ou parcialmente e o que os cidadãos têm feito para que se cumpra esse documento. Depois dessa discussão uma educanda se encorajou a dar um depoimento de como o programa Projovem a ajudou em seu desenvolvimento como cidadã no Seminário de Educação no Campo um desafio, na apresentação da professora Angela Escorpeli.

Foram realizadas algumas leituras de jornais e revistas sobre política e educação, mas percebeu-se resistência por parte dos alunos pelos jornais em virtude da qualidade do papel e do tamanho da letra.

Os alunos também assistiram no laboratório de informática da escola ao vídeo “Filtro solar” de Pedro Bial. Então os educandos fizeram um debate sobre os temas apresentados no vídeo e individualmente escreveram uma síntese da aula.

Para finalizar esse trabalho os alunos tiveram contato com o texto *Ler deveria ser proibido*, de Guiomar de Gramommon.³ Após leitura e discussão sobre o texto, foram propostos aos alunos os seguintes questionamentos: Por que o texto diz que ler deveria ser proibido? Qual é o perigo da leitura, segundo o texto? Você concorda com o texto? Ou ele está propondo o contrário? O nível da discussão foi impressionou, pois os educandos foram muito críticos, alguns comentários dos mesmos a respeito do texto: “*é claro que é perigoso porque se a gente lê, a gente aprende*”, “*se a gente lê a gente não vota em qualquer um*”, “*se a gente lê, a gente muda de vida*”.

O presente trabalho mostrou o quanto é importante à realização de leitura com diferentes tipos de textos, pois os alunos quando motivados, podem desenvolver, de forma autônoma, atividades de oralidade, de leitura e de escrita, com criticidade e gosto.

As estratégias utilizadas ajudaram o aluno na construção de sentido do texto e contribuirá em qualquer outra situação e com quaisquer outros textos. O aluno tornou-se mais participativo durante as aulas dando sua opinião oralmente e por escrito buscando argumentos para fundamentar seu ponto de vista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No contexto deste trabalho ensinar leitura significa, entre outras coisas, considerar a história de leitura do aluno, no sentido de ampliar sua qualidade e contribuir para sua autonomia diante de texto de qualquer natureza.

O desenvolvimento desse trabalho propiciou ao educando a compreensão das mais diversas situações de interação, isto é, oferecer-lhe a inserção no mundo letrado, assim como formar um leitor competente, alguém que compreenda o que lê

³ Disponível em: www.jefferson.blog.br/.../ler-dveria-ser-proibido-de-guiomar-de.html

e aprenda a ler também o que não está escrito, identificando informações implícitas, fazendo relações com o mundo a sua volta, pois é a partir da sua condição e sua história que a leitura começa a fazer sentido para o mesmo, o educando compreendeu que ler não é apenas decodificar sons.

Ficou evidente que quando o educando compreende o que lê ele não apenas decodifica o significado do texto, mas deposita no mesmo sua experiência e visão de mundo, ampliando as fronteiras do conhecimento e despertando o interesse de ir em busca de mais conhecimento, mais leitura. Percebeu-se a evolução nas produções escritas e nos discursos dos educandos, que no início do trabalho apresentavam dificuldades de se expressarem através da escrita e mesmo da oralidade. Era comum os educandos reclamarem quando tinham que ler ou escrever, os textos não tinham sequência e eram pouco coesos, mas foram melhorando à medida que eram instigados a ler e escrever sobre o seu cotidiano.

Após cada etapa trabalhada, os alunos produziram textos e leram outros relativos ao tema desenvolvido e debateram as opiniões. Os alunos foram se tornando críticos e perspicazes nas inferências do texto, foram ampliando seu universo cultural.

É fundamental que a escola motive o aluno para interagir com o texto, para encontrar formas de entender o seu conteúdo, e desenvolver hábitos de leitura para formar um leitor crítico, foi necessário propor atividades que oportunizassem ao educando discutir sobre o texto e criar possibilidades para entender suas entrelinhas e, à medida que novas leituras eram realizadas, novas alternativas surgiram criando um significado com mais autonomia, e isso só foi possível quando o aluno compreendia o mundo que estava a sua volta.

Pois a leitura está intensamente ligada as nossas vidas, seja no trabalho, lazer ou mesmo na rotina diária como fazer compras ou ler um bilhete, um e-mail deixado por um familiar ou amigo.

O trabalho de leitura com diferentes tipos de textos é uma alternativa eficaz no ensino de leitura, uma vez que pode ajudar a fazer com que os educandos vejam

a leitura de forma significativa facilitando o desenvolvimento de leituras e escritas futuras mostrando sua criatividade e imaginação no mundo mágico da leitura.

Referências

ALVES, Rubem. **Só aprende quem tem fome**. In: *Nova Escola*. São Paulo, Nº 152, p. 45-7, maio de 2002.

BARTHES, Roland. **O Prazer do Texto**. São Paulo. Perspectiva. 1977.

BATISTA, Orlando Antunes. **Formação do Leitor e Construção do Imaginário Textual**. Adamantina – São Paulo – Editora OMNIA, 1998.

BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Ensino de língua portuguesa e contextos teóricometodológicos**. In: DIONISIO, A.P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (orgs.). *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. In: _____. **A importância do ato de ler: em três textos que se completam**. 3.ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1983.

GONÇALVES, Lídia Maria. **Do Ledor ao Leitor: Um estudo de caso sobre as insuficiências do jornal em sala de aula no ensino fundamental**. Tese de Doutorado. Defendida em 2004, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre-RS.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e leitura**. Cortez, 5a edição, Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2000.(Coleção Passando a limpo).

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. *Diretrizes Curriculares da Educação Básica*. Língua Portuguesa. Curitiba: SEED, 2008.

PRADO, J. & CONDINI, P. (Orgs.). **A formação do leitor: pontos de vista**. Rio de Janeiro: Argus, 1999. pp.71-73.

<<http://www.jefferson.blog.br/2008/05/ler-devia-ser-proibido-de-guiomar-de.html>>.

Acesso em: 18 fevereiro. 2011.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Unidades de Leitura** – Trilogia pedagógica. Campinas, SP: Ed. Autores Associados, 2003.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura e Realidade Brasileira**. 4 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6.ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ZILBERMAN, Regina (Org.) **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1982.

<http://www.youtube.com/watch?v=GI4oxOljwsc>